

Miguel Esteves Cardoso, O Cronista Apaixonado

Maria Filomena Barradas

IPP/Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre (Portugal)

Resumo: Conhecido sobretudo como analista perspicaz e acutilante do Portugal contemporâneo, Miguel Esteves Cardoso é também um cronista apaixonado pelas mulheres. Embora os exemplos mais recentes de tal devoção se encontrem nas crónicas dedicadas à sua mulher, Maria João, que vêm sendo publicadas na sua coluna do *Público*, muitos outros exemplos há desta dedicação à figura feminina. Revisitando algumas crónicas publicadas n' *O Independente*, bem como outras recolhidas nos volumes *A Causa das Coisas*, *Os Meus Problemas*, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e *Último Volume* e tendo ainda em conta os romances *O Cemitério de Raparigas*, *A Vida Inteira* e *O Amor é Fodido*, o presente artigo pretende apresentar uma face pouco evidenciada de Esteves Cardoso: a de autor reverente e sensível para com a figura feminina, num cenário de mudança social e de alteração dos papéis tradicionalmente imputados à mulher portuguesa.

229

Apresentação

Em 2009, Miguel Esteves Cardoso começou a escrever com regularidade no *Público*. Para muitos, tratava-se do regresso do observador atento de Portugal e dos portugueses, que durante as últimas décadas nos cartografara, de forma perspicaz e acutilante, nas suas crónicas publicadas em jornais, como os semanários *Expresso* e *O Independente* e que se popularizaram, graças à reunião de boa parte desses textos em livros como *A Causa das Coisas*, *Os Meus Problemas*, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, *Último Volume*, *Explicações de Português* e, mais recentemente, *A Minha Andorinha*, *Com os Copos* e *Em Portugal não se Come Mal*. Também o advento da internet, ao potenciar a circulação alargada de alguns destes textos ou seus excertos, permitiu que alguns destes textos se tornassem conhecidos e alvo da estima pública, especialmente junto de leitores mais jovens.

Desde logo, as crónicas do *Público* são (normalmente) bastante mais curtas do que aquelas a que os leitores de Esteves Cardoso se tinham habituado. No entanto, a secção "Ainda ontem" acolhe textos que, com frequência incidem na própria vida privada do cronista: um livro que leu; um prato saboreado num restaurante; aspectos do quotidiano,

na companhia da sua mulher, Maria João, e da luta diária desta contra o cancro.

Na verdade, a expressão do afecto em relação à mulher amada constitui, actualmente, a face mais visível da relação de Miguel Esteves Cardoso com o feminino. Porém, o interesse de Esteves Cardoso pela mulher e pelo feminino transcende largamente esse aspecto e, como se verá, é um assunto constantemente presente nas suas crónicas. Tendo como *corpus* as suas colectâneas de crónicas mais antigas (*A Causa das Coisas*, *Os Meus Problemas*, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e *Último Volume*) e as crónicas saídas no *Público* desde 2009, quando se iniciou a colaboração regular com o diário, até Abril de 2012, veremos como a devoção de Esteves Cardoso à(s) mulher(es) o tornam num cronista apaixonado.

1. Mulheres vs. Homens

No decurso dos anos oitenta do século XX, a sociedade portuguesa conhecia, finalmente, a normalização democrática. A entrada na CEE (1986) marcava um ponto de viragem na história nacional, já que a nação tinha deixado para trás o seu passado ultramarino e participava, agora, numa realidade multinacional e continental, forjada no pós-II

Guerra Mundial.

De acordo com Ramos (2009), dois momentos marcam a constituição do Portugal contemporâneo. Em primeiro lugar, o Liberalismo, que pôs fim ao Antigo Regime e permitiu a emergência das estruturas políticas e do Estado tal como as conhecemos hoje. O segundo momento foi o fim da II Guerra Mundial, a que correspondeu uma mudança económica, social e de mentalidades, que em Portugal ocorreram mais tarde e a um ritmo mais rápido do que aquele verificado noutros países. De facto, em menos de um século, Portugal deixou de ser uma sociedade predominantemente rural para dar lugar a uma sociedade de tipo urbano. A população, que outrora se ocupava na agricultura, abandonou os campos e fixou-se na faixa litoral do país, trabalhando maioritariamente no sector dos serviços¹. No final do século XX, os portugueses dispunham de recursos a que as gerações anteriores jamais tinham tido acesso, em termos de alimentação, alojamento, saúde, instrução, comércio e lazer, entre outros aspectos. Consequentemente, a população nacional mudou: a esperança média de vida aumentou; a taxa de mortalidade infantil desceu muitíssimo; o número de nascimentos desceu; a escolaridade alargou-se; a estrutura familiar sofreu alterações, devido ao menor número de casamentos, aumento dos divórcios e crescimento das famílias monoparentais.

Naturalmente, neste cenário de mudanças, também a situação da mulher se alterou: em 1995, 50% da mão-de-obra activa era feminina e as mulheres excediam já o número de homens na função pública e na frequência do ensino universitário. Ao mesmo tempo, a lei tinha promovido a igualdade de género, estabelecido a paridade entre homem e mulher no casamento, permitido que as mulheres acedessem a carreiras antes exclusivamente masculinas, como a magistratura, e determinado que os partidos políticos reservassem às mulheres uma percentagem de lugares nas suas listas de candidatos.

Ora, enquanto cronista de um Portugal em mudança, Miguel Esteves Cardoso não podia deixar de ser sensível aos novos papéis sociais que as mulheres (e também os homens) iam assumindo.

Em “Menino/ Menina” (Cardoso, 2009 [1986]:176-178), o autor espanta-se perante o mundo moderno que tende a uniformizar tudo, anulando aquelas

que eram as diferenças que organizavam a experiência:

“Até os homens e as mulheres se vão assemelhando, encorajados pelos “media”. Primeiro foi a moda “unissexo”, permitindo às mulheres poderem vestir-se com roupa de homem. Aqui nada de mal (...).

O pior veio depois. Nos anos 80, graças a Gaultier e outros, os homens começam a usar saias, a “androginia” transforma-se num bem desejável e tudo o que seja confusão intersexual é considerado altamente interessante” (Cardoso, 2009 [1986]:176).

Como conservador que é, podia pensar-se que Esteves Cardoso se opunha aos novos papéis assumidos pela mulher; no entanto, ao criticar a crescente androginia, o autor não está a condenar o facto de as mulheres desejarem “ser tão pessoas como os homens”, mas espera que, uma vez alcançado esse objectivo, as mulheres possam “outra vez dar-se ao luxo de ser mulheres”:

“É precisamente a igualdade de direitos e de oportunidades de homens e mulheres (quando for alcançada) que permitirá voltar às antigas diferenças (...).

A diferença existe e tem de viver. Resistir à uniformidade é lutar pela identidade. *Quanto mais diferente, melhor*” (Cardoso, 2009 [1986]:178).

Em “A libertação dos maridos” (Cardoso, 2001 [1988]:31-38), Esteves Cardoso polemiza sobre o feminismo e os seus efeitos, ao afirmar que:

“No fundo, o feminismo é uma espécie superior de ronha que as mulheres aprenderam a fazer para não fazer nenhum (...).

A verdade é que estas mulheres tornaram-se feministas só para ocultar aos homens e às outras mulheres o facto de serem *péssimas donas de casa*” (Cardoso, 2001 [1988]:31).

Porém, logo se emenda: afinal tudo não passava de uma brincadeira e as mudanças no papel da mulher são totalmente justificáveis, ainda que comprometam o estilo de vida a que os homens estavam habituados. Ou seja, a libertação feminina e o assumir de novos papéis sociais não têm implicações apenas na vida das mulheres, uma vez que tais mudanças afectam também os homens, corroendo os modelos e normas da existência que, durante séculos, se foram sedimentando. Como as “mulheres têm a razão do lado delas”, os homens são obrigados a adaptar-se às novas circunstân-

¹ De acordo com Ramos (2009), em 2001, 58% da população trabalhava no sector dos serviços, 30% na indústria e 12% na agricultura. Um século antes, a agricultura era o primeiro sector de actividade, com 64% da população activa. Neste cenário, convém referir que, em Portugal, a indústria nunca representou o sector com maior número de população activa, ao contrário do que sucedeu noutros países.

cias, através da “resistência elegante”, que

“Consiste em saber que não temos hipótese de manter os privilégios tradicionais e que a igualdade das mulheres tinha de chegar mais tarde ou mais cedo. No fundo, o que é preciso é *saber perder* (...). Quando as *mulheres* conquistam o direito de alternar com os homens na lavagem da louça, dizem que é “uma vitória de todos nós”, que “a luta é só uma” e que “venceu, sobretudo, a dignidade humana”. Mas não. Quem tem vencido são as mulheres e quem tem perdido são os homens, que passam a puxar pelo Sonasol às segundas, quartas e sextas” (Cardoso, 2001 [1988]:33).

Uma das maneiras mais astutas que os homens encontraram para manter os seus privilégios é fingir que não têm “jeitinho nenhum para as coisas que não apetece fazer”, cultivando a figura de “urso simpático”, que atrapalha ao querer ajudar, sendo que as suas acções disparatadas acabam por divertir e enternecer a(s) mulher(es). Na realidade, ao escolherem esse tipo de comportamento, os homens estão a ir ao encontro de um certo estereótipo existente na mente feminina, porque, como diz Esteves Cardoso:

“As mulheres portuguesas olham quase sempre para os homens de que gostam de uma superioridade moral, espiritual e técnica. Os homens são animaizinhos ou filhinhos, um pouco ineptos mas enternecedores, carinhos carentes que apetece beliscar. Em Portugal, o homem é o animal doméstico da mulher” (Cardoso, 2001 [1988]:34).

Esta atitude acaba por redundar numa forma (injusta) de manipulação das mulheres, em parte explicável pelas próprias atitudes femininas, já que são elas mesmas que tendem a impor os seus modelos e padrões aos homens, impedindo-os de desenvolverem as suas próprias competências e de se aperfeiçoarem nas áreas que não faziam tradicionalmente parte das suas obrigações domésticas.

No fundo, aquilo que Esteves Cardoso defende é que nem a mulher se deve submeter ao homem, nem o homem se deve submeter à mulher. Ora, isso implica “o respeito mútuo, o espírito de colaboração e o saber partilhar as maçadas rotineiras da vida quotidiana” (p. 38). As eventuais discordâncias mais não serão do que um sinal do “debate vivo”, que deve reger as várias situações quotidianas e que é aplicação do princípio de “concordar em discordar”, norma inglesa que em vários momentos Miguel Esteves Cardoso evoca como baliza

da civilidade dos comportamentos.

Em “A aventura das mulheres” (Cardoso, 1995 [1990]:35-38), Miguel Esteves Cardoso faz a apologia da necessidade do feminismo, tendo como ponto de partida a reflexão em torno do fim da revista *Mulheres*, dirigida pela poetisa Maria Teresa Horta. Embora Esteves Cardoso afirme ter sido “ofendido, enxovalhado e caluniado nas suas páginas, como machista, reaccionário, analfabeto, misógino e outras coisas péssimas”, não deixa de considerar a acção da revista relevante, porque só através do feminismo é possível devolver a dignidade e a humanidade às mulheres, acabando com os maus tratos de que são alvo e que, do ponto de vista do autor, só podem ser explicados porque as mulheres são melhores do que os homens. A existir uma guerra dos sexos, ela só é aceitável no pressuposto da igualdade entre homem e mulher. Assim:

“Nós, os supostos machistas portugueses, devíamos ser os maiores lutadores pela emancipação e igualdade da mulher. Só em condições de igualdade é que tem graça fingirmos que somos superiores. De resto, apenas as bestas tiram prazer só do facto de estar por cima de quem está por baixo. O que é o caso. Infelizmente. É que os homens portugueses, cheios de peneiras e meduncho, nem machistas merecem ser” (Cardoso, 1995 [1990]:38).

Neste reconhecimento da superioridade feminina, destaquesmos, finalmente, a crónica “Antes as mulheres”, publicada justamente no Dia Internacional da Mulher, 8 de Março de 2009, no *Público*:

“Só quando os homens chegam a uma certa idade é que podem dizer com certeza que as mulheres são melhores do que eles em tudo – mesmo na bola, a carregar pianos, a lutar com jacarés, ou nas outras coisas em que ganhávamos quando éramos mais novos e brutos e fortes (...).

As mulheres são melhores e estão fartas de sabê-lo. Mas, como os gatos, sabem que ganham mais em esconder a superioridade.”

2. Mulheres apaixonantes

Num mundo em que as mulheres se afirmam de forma cada vez mais veemente, também as relações afectivas passam por transformações. À dificuldade de dizer o amor em português², opõe-se a

2 Na crónica intitulada “Amor” e que pode ser lida em *A Causa das Coisas*, Miguel Esteves Cardoso dá-nos as suas impressões sobre como é vivido e, sobretudo, expresso o amor em Portugal. Assim, os portugueses evitam

atitude de uma leitora pragmática, por cujo anúncio publicado n' *O Independente* Miguel Esteves Cardoso se congratulava na crónica "A aventura da mãe solteira" (Cardoso, 1995 [1990]:55-58). Dizia o anúncio:

"PROCURO RAPAZ NOVO com emprego, carro, Faro, Olhão, arredores. Queira casar rápido. Sou mãe solteira. Foto recente." (Cardoso, 1995 [1990]:55)

Do ponto de vista do autor, tratava-se da afirmação de uma nova forma de entender o relacionamento amoroso. Através do seu anúncio, a leitora manifestava uma atitude positiva e proactiva, ao estabelecer o claro objectivo de procurar um marido, porque

"Um marido procura-se. Não se espera. Um marido não faz parte do mundo natural. É obra da mulher. Os príncipes encantados não estão à espera de si ao virar da esquina. Têm de se desencantar (...). O casamento é um contrato importante e não faz sentido seleccionar um marido com menos rigor do que se escolhe um empregado" (Cardoso, 1995 [1990]:56).

Esta concepção parece querer contrariar a concepção romântica (e ocidental) do amor, tal como Denis de Rougemont a estudou. Analisando o mito de Tristão e Isolda, Rougemont assinala como esta história medieval prevaleceu no imaginário amoroso ocidental: é a ideia de amor mágico, idealizado, concebido como fatalidade e destino, que é "mais forte e mais verdadeiro do que a felicidade, a sociedade e a moral" (Rougemont, 1999:20).

Este ideário, como veremos a seguir, está também presente nos textos de Miguel Esteves Cardoso. Trata-se de um amor que se compraz na sua própria natureza ambígua, entre a perdição e a salvação, que é experiência totalizante e totalitária, capaz de condensar e conciliar opostos. É este amor que encontramos numa das mais famosas crónicas de Miguel Esteves Cardoso, "Em nome do amor puro" (Cardoso, 2001 [1991]:75-77)³:

empregar o verbo "amar", preferindo dizer que "estão apaixonados; a palavra "amante" tem uma conotação negativa; "amoroso" significa "qualquer vago conceito a leste de levemente simpático, porreiro ou giríssimo"; "amável" e "amado" são pouco usados; "um amor" pode "dizer-se indistintamente de escovas de dentes, contínuos que trazem os cafés a horas, ou casinhas de emigrantes"; o termo "amigas" é um eufemismo frequente para "namoradas". Porém, esta forma de se exprimir tem apenas lugar em público e contrasta fortemente com a expressão sentimental em privado, que é marcada pelo exagero e exacerbamento amoroso. Esteves Cardoso conclui: "A retracção épica a que os portugueses se forçam no uso próprio das palavras do amor, quando o contexto é minijamente público, parece atirá-los illogicamente, para uma confrangedora catarse de lamechices cada vez que se encontram a sós com quem amam"

3 Inicialmente publicada sob o título "Para Júlia Wolff, em nome do amor

"Eu quero fazer o elogio do amor puro, do amor cego, do amor estúpido, do amor doente, do único amor verdadeiro que há (...).

Já ninguém se apaixona? Já ninguém aceita a paixão pura, a saudade sem fim, a tristeza o medo, o desequilíbrio, o custo, o amor, a doença que é como um cancro a comer-nos o coração e que nos canta no peito ao mesmo tempo?

O amor é uma coisa, a vida é outra. O amor não é para ser o alívio, o repouso, o intervalo, a pancadinha nas costas, a pausa que refresca, o pronto-socorro da tortuosa estrada da vida, o nosso "dá lá um jeitinho" sentimental (...)

Amor é amor. É essa a beleza. É esse o perigo (...). O nosso amor é para nos amar.

O amor puro não é um meio, não é um fim, não é um princípio, não é um destino. O amor puro é uma *condição* (...).

O amor é a nossa alma. É a nossa alma a desatar. A desatar a correr atrás do que não sabe, não apanha, não larga, não compreende. O amor é uma verdade (...). O amor é mais bonito do que a vida. A vida que se lixe."

Este amor intenso, cuja natureza é, por vezes, elusiva e contrária, exige declaração e demonstração. Para o pobre apaixonado, isso nem sempre é tarefa fácil, já que cada vez que alguém se apaixonou é como que um regresso àquele primeiro amor que se viveu na adolescência, experienciado como "o único amor, o máximo amor", o amor "que ocupa o amor todo"⁴.

No entanto, a vivência amorosa não se esgota aqui. Seguem-se "amores maiores, amores melhores, amores mais bem pensados e apaixonadamente vividos. Há amores mais duradouros"⁵ – há amores mais felizes, poder-se-ia acrescentar. Talvez por isso, Miguel Esteves Cardoso não se envergonhe de convocar para os seus textos as mulheres que amou e que ama. Por exemplo, Susana, a quem é dedicado o texto "Quando estiveres velha e grisalha e cheia de sono", publicada no Caderno 3 de *O Independente*, em 16 de Abril

puro", no Caderno 3 de *O Independente*, de 12 de Outubro de 1990, a crónica mudará de título na passagem para o livro, perdendo a menção dedicada que incorporava e passando a "Em nome do amor puro". Uma simples pesquisa na internet demonstrará o elevado número de blogs e sites que reproduzem o texto, dando-o, erradamente, como proveniente do semanário Expresso.

4 Cardoso, 2001 [1988]: 163.

5 Idem

de 1994. Trata-se de uma tradução do poema de Yeats “When You Are Old”, datado de 1892, e que em nota é identificado como tendo sido “[t]raduzido por Miguel Vicente Esteves Cardoso para a Susana Maria Silva Brás, que faz vinte e seis anos depois de amanhã”.

Ora, esta Susana é a mesma a quem são dedicadas as colectâneas de crónicas *As Minhas Aventuras na República Portuguesa e Último Volume* e os romances *O Amor é Fodido*, *A Vida Inteira* e *O Cemitério de Raparigas*, e que já antes fora homenageada com “Aedh sonha com as sedas do céu” (*O Independente*, Caderno 3, 18/12/1992), tradução de “Aedh wishes for the Cloths of Heaven”, outro poema de Yeats, extraído de *The Wind Among the Reeds* (1899).

Mas nem sempre os amores felizes duram para sempre. Susana já não é o amor de Miguel Esteves Cardoso; esse amor escreve-se agora Maria João e a sua história tem sido feita no *Público*. Dando conta do estado de saúde da mulher, da sua luta contra o cancro, das idas ao IPO, dos tratamentos realizados e das melhoras alcançadas, Esteves Cardoso faz a crónica do seu amor e conta, inclusivamente, como os dois se conheceram e apaixonaram:

“Apaixonamo-nos em 1996, mal nos conhecemos. Casámos no dia 30 de Setembro de 2000. Já vivíamos um com o outro desde 1 de Janeiro desse ano, logo a seguir à primeira noite em que dormimos juntos (...)”⁶.

Na crónica “Um segredo de um casamento feliz” (*Pública*, 24/10/2010), o autor exprime a sua ambição de “revelar os segredos de um casamento feliz”. Porém, constata que aquilo que poderia dizer tem um escopo limitado, sendo apenas aplicável ao seu casamento com Maria João. Assim, as suas convicções acabam por ser uma reflexão sobre o seu casamento em particular, podendo não ser universais:

“O casamento feliz não é nem um contrato nem uma relação (...). É uma criação. É criado por duas pessoas que se amam.

O nosso casamento é um filho (...).

Não basta que os casados se amem um ao outro. Têm também de amar o casamento que criaram (...).”

O casamento feliz, no entanto, não é aquele onde impera a total concordância entre parceiros, pois “é preciso haver arenas designadas onde pos-

samos marrar uns com os outros à vontade”. Trata-se de uma conflitualidade que nasce do próprio facto de marido e mulher serem dois indivíduos autónomos, com ideias e valores próprios, que expressam os seus sentimentos de forma diferenciada. Anular essas diferenças é abrir caminho à indiferença e, conseqüentemente, à infelicidade. Por isso, não é de estranhar que mesmo nos casamentos felizes, surjam desavenças e diferendos ocasionais.

Miguel Esteves Cardoso relata um desses momentos, quando sentindo-se “desamado, sozinho e triste” decidiu sair de casa com o intuito de se isolar, na certeza de que a mulher, apesar das eventuais saudades, ia compreender a sua atitude. No entanto, Maria João afligiou-se com o desaparecimento inusitado do marido – e da “birra secreta, por ser pequena, no meio de um casamento feliz” – saiu reforçado o amor do cronista à sua mulher:

“Ficou aflita – a coisa que eu menos queria (e nisso ganhou) – e enquanto eu escondi pindericamente a minha aflição, ela tornou-a pública ao ponto de levantar auto na GNR que, diga-se com espanto de quem já a admira, me apanhou, bem apanhado, na Praia Grande, ontem de manhã. Nunca um alarme foi tão bem alevantado. Tenho ou não razão em amá-la?”⁷

3. Considerações finais

Através da sua rica e vasta produção cronística, Miguel Esteves Cardoso tem sabido dar aos seus leitores uma imagem de Portugal e dos portugueses, matizada pelo humor e mordacidade, verificável nas suas reflexões sobre como as mudanças sociais afectam as relações entre homens e mulheres. Congratulando-se pela libertação feminina e pela crescente igualdade entre homens e mulheres, Esteves Cardoso defende, no entanto, que tal igualdade deve ser (re)concluída com as diferenças que existem (e que provavelmente existirão sempre) entre homens e mulheres.

Porém, as observações acutilantes quase desaparecem quando surpreendemos Miguel Esteves Cardoso teórico da sentimentalidade. Ora reflectindo sobre a natureza do amor, ora partilhado a sua própria experiência amorosa, o cronista oferece-se ao leitor em figura humana: é o sujeito que ama, que sofre, que desabafa e com o qual o leitor se identifica, seduzido por ver na sua escrita a expressão daquilo que (tantas vezes) já experimentou.

⁷ “Um Adeus às Birras”. *Público*, 29/06/2011.

⁶ “Parabéns tristes”. *Público*, 30/09/2010.

Referências Bibliográficas

Corpus

- Cardoso, Miguel Esteves. (2009 [1986]). *A Causa das Coisas*. 18ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim
- _____. (2001 [1988]). *Os Meus Problemas*. 12ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim
- _____. (1994 [1990]). *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim
- _____. (2001 [1991]). *Último Volume*. 5ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim
- _____. (2010). "Parabéns tristes". *Público*, 30 de Setembro
- _____. (2010). "Um segredo de um casamento feliz". *Pública*, 24 de Setembro
- _____. (2011). "Um adeus às birras". *Público*, 29 de Junho.

Crítica

- Barradas, Maria Filomena (2010). "“As minhas aventuras na república portuguesa” ou Portugal como ele é". Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/2072>
- _____. (2011a). "O *Independente* perante Portugal: identidades em formação e reavaliação no final do século XX". Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1496>
- _____. (2011b). "A nação na Europa - a perspectiva d' *O Independente*". Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1495>
- Ramos, Rui (coord). (2009). *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros
- Rougemont, Denis de (1999 [1938]). *O Amor e o Ocidente*. 2ª ed. Lisboa: Vega
- Telo, António. (2007). *História Contemporânea de Portugal. Do 25 de Abril à Actualidade*. Volume I Lisboa: Presença
- _____. (2008). *História Contemporânea de Portugal. Do 25 de Abril à Actualidade*. Volume II. Lisboa: Presença
- Vieira, Joaquim (1999). *Portugal Século XX. Crónica em Imagens*. Lisboa: Círculo de Leitores